

TP 4 – Capitalism, globalisation and imperialism: unequal development, inequalities and social exclusion

Marxism and the Complex Geographies of Global Capitalism: Latin America and the Middle East

Adam Hanieh

Jeffery R. Webber

This paper explores Marxist responses to the theoretical and empirical dynamics of the complex geographies of contemporary global capitalism. Drawing upon an historically situated empirical analysis of two regional case studies – the Middle East and Latin America – the paper asks how Marxists can understand the contemporary position of these regions within the ‘complexly stratified world system’. In doing so, the paper argues that a Marxist approach to this question needs to take into account the spatial and class hierarchies at the regional scale, while also incorporating the unequal flows of value associated with imperialism and global capitalism. In addition to raising a series of comparative questions across these two regions, the paper reflects on the contemporary relevance of earlier Marxist debates around dependency and world systems theory; imperialism, sub-imperialism, and global value flows; and the implication of the rise of alternative poles of capital accumulation throughout recent decades.

Palavras-chave: complex geographies; global capitalism; stratified world system; spatial and class hierarchies; imperialism; Middle East; Latin America

Karl Marx como intérprete da globalização e da pós-modernidade

Thomas Edson de Jesus Theodoro Amorim

A forma de exposição e o método adotados por Marx alcançam sua máxima expressão no Capital. A obra, como palimpsesto, revela-se portadora de sedimentos sucessivos que expressam mais do que a fixação perfeccionista de seu autor, mas as dimensões múltiplas e em contínua transformação de seu próprio objeto. Dessa maneira, a Parte Primeira do livro, que se refere à esfera da circulação, em especial por meio do tópico referente ao "fetichismo da mercadoria", pôde dar abrigo a todas as famosas teorizações do marxismo ocidental em relação à colonização da cultura pela lógica mercantil. Desde a conceituação pioneira de Lukács sobre o fenômeno da reificação, passando por Adorno e Debord, até as teorias mais recentes referentes à condição ou lógica cultural pós-moderna.

A interpretação mais comum desse percurso teórico geralmente aponta para a dificuldade crescente de se concretizarem as alternativas históricas ao capitalismo, dado que o sistema fecha cada vez mais as brechas materiais e ideais para a alteridade. Esse aspecto crescentemente hermético do capitalismo é ilustrado por praticamente toda a tradição de

crítica cultural marxista ao longo do século XX, mas talvez sua ilustração mais claustrofóbica venha das imagens forjadas por Fredric Jameson sobre a "espacialidade imaginária" no sistema total do capitalismo tardio, na qual os vestígios de toda temporalidade são achatados no frenesi da compulsão consumista. O autor argumenta que a apologia acerca do "fim da história" tem, de modo insuspeito, seu momento de verdade no diagnóstico acerca da conquista do capital sobre os últimos vestígios de trabalho não assalariado, natureza e do próprio inconsciente.

Seguindo Marx, essa "aparência objetiva" do sistema deve ser problematizada à luz da necessidade de reprodução ampliada do capital e das contradições inevitáveis que esse processo traz consigo. A dialética impõe elevar essa estabilidade aparente às suas últimas para nela perceber os aspectos conflitantes que resistem ao apaziguamento - tal como Marx faz com o fetiche ou a "forma dinheiro". Examinaremos na dialética da globalização a contradição do desemprego e a possibilidade de mapeamento espacial.

Palavras-chave: Dialética, Globalização, Pós-modernidade, Marx, Jameson

O Espaço Urbano como Mercadoria: Contribuições para os Processos de Exclusão

Thiago Gault Oliveira

O processo de ascensão da racionalidade neoliberal modificou de forma profunda as relações sociais, influenciando o funcionamento das organizações políticas através de uma racionalidade de mercado. Esta fase do desenvolvimento capitalista concede cada vez mais a condição de mercadoria aos centros urbanos. Nesse contexto, o processo de fetichismo das cidades contribui para diversos problemas sociológicos, dentre eles a exclusão. O presente trabalho busca compreender, através de uma análise ancorada no marxismo weberiano, de que forma o processo de mercantilização dos espaços urbanos pode contribuir para a desestabilização da coesão social ampliando o processo de exclusão. Para melhor observar as consequências sociais, o presente trabalho utiliza quatro tipos ideais de exclusão que sofrem influência da mercantilização do espaço urbano – (I) Econômica, (II) Cultural, (III) Política e (IV) Social. Tal modelo analítico é então aplicado aos casos concretos das cidades do Rio de Janeiro e do Porto, de modo a ilustrar o fenômeno de forma empírica. Por fim, e com o auxílio destes exemplos, conclui-se apresentando os efeitos singulares – diretos e indiretos - que o processo de mercantilização das cidades exerce sobre cada tipo de exclusão e que contribuem para a desestabilização da coesão social ampliando, deste modo, a pressão nos grupos sociais mais marginalizados.

Palavras-chave: Exclusão; fetichismo da mercadoria, espaço urbano; desigualdade social; marxismo weberiano

Sistema do patriarcado e questão social: berço da violência de gênero na região serrana de Santa Catarina, Brasil

Josilaine Antunes Pereira

Esta comunicação tem o objetivo de refletir a constituição histórica do sistema do patriarcado e da questão social relacionados ao fenômeno da violência de gênero contra a mulher no espaço doméstico na cidade de Lages, Estado de Santa Catarina/SC, Brasil. A concepção do materialismo histórico-dialético torna-se relevante para problematizar o real em sua totalidade complexa e contraditória da gênese da violência de gênero, capturando-a, como referia-se Marx, na “síntese de múltiplas determinações”. Para este pensador conhecer o real é examiná-lo em sua historicidade e não em expressão restrita ao presente. Esta última permite ver a aparência do fenômeno que ofusca a visão incapaz de ver para além da pseudoconcreticidade. Para tanto, realiza-se uma retrospectiva histórica das expressões do modo de produção capitalista na Região com finalidade de compreender como foram engendradas as relações sociais de produção da existência das quais decorrem as relações sociais, econômicas e políticas. Enfatiza-se o longo período do modo de produção capitalista (1766-1940), no qual emerge a estrutura latifundista. O poder econômico, político e social emana da terra. Na “cultura de fazenda” engendram-se as classes sociais, a hierarquia social, as relações e papéis de gênero, a família extensa biológica e de agregados à fazenda, os cruzamentos étnicos, relações econômicas, de poder e do (não) exercício da cidadania. Destaca-se neste período a origem da questão social, ou seja, a desigualdade social inerente às contradições capital/trabalho. Nossa premissa é de que o fato da cidade de Lages, contemporaneamente ocupar o primeiro lugar no Estado e décimo sétimo no Brasil, em termos de violência de gênero contra a mulher no espaço doméstico, tem suas raízes nas múltiplas determinações operantes numa sociedade historicamente patriarcal e machista que agregado à desigualdade social expõe relações assimétricas de gênero, corroborado pela prática da violência.

Palavras-chave: Materialismo histórico e dialético. Sistema do patriarcado. Questão social. Violência de gênero contra a mulher.

Haverá emancipação social sem feminismo?

Graça Rojão

A crise sistêmica global que vivemos colocou em maior evidência aspectos fulcrais da nossa vida coletiva. A crença no desenvolvimento e no progresso contínuo criou problemas ecológicos e sociais graves que colocam em causa a sustentabilidade da vida no planeta e a justiça social. Destaca-se neste âmbito, enquanto desigualdade estrutural transversal, o diferencial de poder das mulheres, que perpassa classe social, etnia, idade, entre muitos outros factores de discriminação.

O patriarcado conferiu uma valorização social acrescida ao trabalho remunerado, atribuindo tradicionalmente ao homem o papel de ganha-pão, remetendo para uma esfera subalterna tarefas fundamentais à sustentabilidade da vida. O próprio conceito de trabalho tem vindo a sofrer uma redução, ficando progressivamente confinado ao domínio da

economia mercantil. Desta forma são ocultados processos fundamentais à reprodução dos seres humanos mas também à própria existência do capitalismo, que faz equivaler uma vida digna a uma vida de consumo.

Neste quadro, propomos discutir um conjunto de propostas oriundas de iniciativas de economia solidária, a partir da matriz do decrescimento e da economia feminista, enquanto alternativas ao desenvolvimento capitalista. Parece-nos que estas iniciativas, ainda que constituam um conjunto heterogéneo e orientado por princípios diversos, postulam outra racionalidade económica e dão conta de valores não estritamente mercantis, produtivistas e consumistas como o cuidado, a cooperação económica, a participação democrática e a reciprocidade.

Adoptando como referências os contributos teóricos de Latouche e Taibo, no âmbito do decrescimento, de Pérez Orozco e Gibson-Graham, da economia feminista, e de Hespanha e Lucas dos Santos da economia solidária concluímos que os projectos de emancipação, sairão reforçados se assentarem numa visão simultaneamente feminista e decrescentista, que confira centralidade ao cuidado consigo, com as outras pessoas e com a sustentabilidade do planeta.

Palavras-chave: Decrescimento, economia feminista, economia solidária